

AÇÕES PREPARATÓRIAS PARA A VISITA DE PESQUISADORES KAMAYURÁ AO MAE/UFBA: (RE) CONHECENDO A COLEÇÃO PEDRO AGOSTINHO

Celina Rosa Santana

MAE/UFBA

Mara Lúcia Carrett de Vasconcelos

MAE/UFBA

RESUMO: Em novembro de 2019, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA) recebeu a visita dos pesquisadores Kanawayuri L. Marcello Kamayurá, Auakamu Kamayurá e Kaluyawa Kamayurá, que vieram ao Museu conhecer a coleção de seu povo, formada pelo antropólogo Pedro Agostinho da Silva nos anos 1960, e os processos de musealização desses objetos a recuperação da informação sobre a cultura material desse povo indígena que hoje encontra-se nos museus e universidades. A preparação da equipe do MAE/UFBA para a visita envolveu uma série de atividades que objetivaram o aprofundamento do conhecimento sobre o povo Kamayurá e sobre a coleção Pedro Agostinho: A formação interna “Cultura Material Do Alto Xingu”, a elaboração do “O Guia para a Documentação das Coleções Etnográficas do MAE/UFBA (1983-1999)” e a pesquisa para a realização de uma biografia da coleção, apresentada na “Linha do tempo da Coleção Pedro Agostinho”.

PALAVRAS-CHAVE: MAE/UFBA. Coleção Pedro Agostinho. Kamayurá.

PREPARATORY ACTIONS FOR THE VISIT OF KAMAYURÁ RESEARCHERS TO MAE/UFBA: (RE) GETTING TO KNOW THE PEDRO AGOSTINHO COLLECTION

ABSTRACT: In November 2019, the Museum of Archeology and Ethnology of the Federal University of Bahia (MAE/UFBA) received a visit from researchers Kanawayuri L. Marcello Kamayurá, Auakamu Kamayurá and Kaluyawa Kamayurá, who came to the Museum to discover the collection of their people formed by the anthropologist Pedro Agostinho da Silva in the 1960s, and the processes of musealization of these objects. The technical visit was carried out in the context of the Kamayurá Archive project, which aims retrieving information about the material culture of this people, which is currently found in museums and universities. The preparation of the MAE/UFBA team for the visit involved a series of activities aimed at deepening knowledge about the Kamayurá people and about the Pedro Agostinho collection: Internal training on “Material Culture from Alto Xingu”, the elaboration of “The Guide for the Documentation of the Ethnographic Collections of MAE/UFBA (1983-1999)” and the research for the biography of the collection, presented in the “Timeline of the Pedro Agostinho Collection”.

KEYWORDS: MAE/UFBA. Pedro Agostinho Collection. Kamayurá.

AÇÕES PREPARATÓRIAS PARA A VISITA DE PESQUISADORES KAMAYURÁ AO MAE/UFBA: (RE) CONHECENDO A COLEÇÃO PEDRO AGOSTINHO

INTRODUÇÃO

Dentre as coleções arqueológicas e etnográficas salvaguardadas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA), a coleção de objetos do povo Kamayurá, formada pelo antropólogo Pedro Agostinho nos anos 1960, figura como um importante recorte da cultura material deste grupo. Composta por 238 objetos, a coleção é resultado de pesquisas de campo realizadas na região do alto Xingu, Norte do Brasil, e é constituída por peças com finalidades utilitárias e ritualísticas, como panelas, cestos e indumentárias, confeccionadas em materiais diversos, destacando-se as fibras vegetais e as plumárias.

Entre os dias 1º a 8 de novembro de 2019, o Museu recebeu a visita dos pesquisadores Kanawayuri L. Marcello Kamayurá, Auakamu Kamayurá e Kaluyawa Kamayurá, que vieram à instituição conhecer a coleção de seu povo, formada pelo antropólogo Pedro Agostinho da Silva nos anos 1960, e os processos de musealização desses objetos. A visita técnica foi realizada no contexto do projeto Arquivo Kamayurá, que consiste na recuperação da informação sobre a cultura material desse povo através de visitas às instituições que hoje salvaguardam seus objetos, como museus e universidades (RIBEIRO, 2019).

A preparação da equipe do MAE/UFBA para a visita envolveu uma série de atividades que objetivaram o aprofundamento do conhecimento sobre o povo Kamayurá e sobre a coleção Pedro Agostinho. A partir da formação “Cultura Material Do Alto Xingu”, foram gerados dois produtos, o “O Guia para a Documentação das Coleções Etnográficas do MAE/UFBA (1983-1999)” e a “Linha do tempo da Coleção Pedro Agostinho”, que se constituem como ferramentas importantes para o estudo e compreensão destes objetos e de sua trajetória dentro do Museu, e cujos processos de elaboração e execução serão aqui relatados.

A FORMAÇÃO INTERNA “CULTURA MATERIAL DO ALTO XINGU”

Entre os dias 15 e 19 de março de 2019, os antropólogos Aristóteles Barcelos Neto¹ e Luísa Valentini² ministraram a formação interna “Oficina de Cultura Material do Alto Xingu”³, que

¹ Museólogo e antropólogo, atua na área de etnologia dos povos indígenas das Terras Altas e Baixas da América do Sul, com ênfase em suas artes, rituais e cosmologias. Foi responsável, juntamente com Maria Ignez Mello, pela formação da coleção da etnia Wauja salvaguardada pelo MAE/UFBA.

² Antropóloga, dedica-se a questões concernentes à documentação relativa a populações tradicionais no Brasil, em particular a documentação oriunda de pesquisa. Consultora no projeto Arquivo Kamayurá.

objetivou a reconstituição da formação das coleções xinguanas do MAE/UFBA. Participaram os servidores técnicos das áreas da Museologia, Conservação e Arqueologia e os bolsistas do Museu, bem como pesquisadores externos convidados.

A oficina teve início com a apresentação de uma contextualização histórico-geográfica do Parque Indígena do Xingu e dos povos indígenas que vivem neste território, dando ênfase às etnias Waujá e Kamayurá. Barcelos Neto e Valentini falaram sobre a localização das aldeias, os modos de vida, as relações intra e extra-parque e, principalmente, sobre os conflitos e questões que permeiam a região e os povos indígenas que ali vivem. Em um segundo momento, a fim de instrumentalizar os participantes para um exercício a ser realizado no dia seguinte, os ministrantes solicitaram que cada um selecionassem cinco objetos das coleções Pedro Agostinho e Aristóteles Barcelos Neto & Maria Ignez Mello. A seleção foi realizada na reserva técnica do Museu, onde os participantes, em grupos de cinco pessoas por vez, puderam conhecer as coleções e fotografar objetos de sua preferência (fig. 1). Em continuidade foram formados dois grupos de trabalho, para que no dia seguinte dessem continuidade ao exercício.

O segundo dia de oficina foi voltado para a prática com a documentação museológica (fig. 2). Cada grupo de trabalho criou, a partir das fotografias realizadas na reserva técnica, uma coleção hipotética de aproximadamente 40 objetos. A partir desta amostragem, os participantes foram instruídos a buscar na documentação museológica tudo que estivesse relacionado aos objetos selecionados, e a realizar uma análise dos documentos encontrados. O objetivo do exercício foi identificar e comparar os sistemas documentais da instituição e suas características formais e de conteúdo, realizando assim um diagnóstico.

No terceiro dia de oficina, após a análise da documentação, foi realizada uma discussão sobre os pontos observados em cada sistema documental. Foram identificadas questões relativas a estrutura das fichas de identificação dos objetos, dos tipos e nomenclaturas de campos utilizados e também a respeito dos procedimentos de preenchimento das fichas. As informações levantadas por ambos os grupos foram sistematizadas em um documento que servirá de base para pensar as ações necessárias para organização e atualização do sistema documental.

No quarto dia de oficina, os ministrantes realizaram uma aula expositiva sobre as etnias Wauja e Kamayurá, trazendo informações sobre a relação destes grupos com os objetos que

³ O curso de extensão teve a coordenação de Mara Lúcia Carrett de Vasconcelos e Marco Tromboni de S. Nascimento, apoio técnico de Celina Rosa Santana e apoio à coordenação de Tatiane Santos Silva, Jaqueline Anjos de Oliveira, Bernardo da Silva Oliveira, Milena Ibrahim Alves Barbosa e Henrique Reis de Oliveira.

produzem. Barcelos Neto falou sobre a coleta dos objetos da etnia Waujá que compõem a coleção que leva seu nome e o de Maria Ignez Mello, e Valentini contou sobre os significados atribuídos aos objetos pela etnia Kamayurá. O último dia de oficina foi voltado para a proposição de metas para a equipe do MAE/UFBA. Cada setor do Museu – Conservação, Arqueologia e Museologia – descreveu as atividades que vêm realizando na instituição de modo geral e também especificamente com as coleções etnográficas Pedro Agostinho e Aristóteles Barcelos Neto & Maria Ignez Mello.

A partir das informações fornecidas pela equipe e do diagnóstico realizado no terceiro dia da oficina, os ministrantes propuseram um conjunto de ações a serem realizadas para a visita dos pesquisadores Kamayurá, que acabaram por contribuir para que a referida coleção e sua documentação fossem organizadas e recontextualizadas. A oficina encerrou com uma visita à exposição de longa duração do MAE/UFBA, na qual Aristóteles Barcelos Neto fez algumas considerações e apontamentos para o aprimoramento dos conteúdos.

Figura 1. Exercício de seleção de objetos na reserva técnica do MAE/UFBA



Fonte: MAE/UFBA.

Figura 2. Exercício com a documentação museológica.



Fonte: MAE/UFBA.

O GUIA PARA A DOCUMENTAÇÃO DAS COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS DO MAE/UFBA (1983-1999)

O diagnóstico da documentação museológica realizado na “Oficina da Cultura Material do Alto Xingu”, no qual foram identificados e comparados os sistemas documentais existentes e suas características formais e de conteúdo, serviu como subsídio para a elaboração do “Guia para a Documentação das Coleções Etnográficas do MAE/UFBA”. O Guia se caracteriza, neste contexto, como uma ferramenta para a compreensão da trajetória histórica de criação e organização desta documentação.

No Guia, foram descritos os sistemas de documentação implementados no MAE/UFBA desde sua inauguração, em 1983, até o ano de 1999, quando foi identificada a última tentativa de sistematização das informações referentes às coleções. Foram identificados três sistemas documentais, que por sua vez originaram diferentes fichas de identificação e também de

conservação, sendo as fichas aqui utilizadas como marcadores de cada um destes sistemas. Para fins de organização desse guia, os sistemas foram denominados Sistema Documental 1, Sistema Documental 2 e Sistema Documental 3.

O Sistema Documental 1 constitui-se das fichas de inventariação utilizadas pela Universidade Federal da Bahia para seu patrimônio – entendido aqui como qualquer bem adquirido pela instituição, não especificamente aqueles de natureza cultural. A inventariação era realizada em fichas tamanho A5 de cor amarela, no formato A5, paisagem, com informações na frente e no verso, denominadas *Fichas de Bens Móveis*. Nas fichas, constam os seguintes campos: 1. *Nº Registro*; 2. *Classificação*; 3. *Localização do Bem*; 4. *Origem*; 5. *Nota de Empenho*; 6. *Nota Fiscal*; 7. *Processo*; 8. *Equipamento ou Mobiliário, no qual consta os subcampos Denominação, Modelo ou Dimensões, Capacidade, Voltagem, Série de Fabricação, Nome do Fabricante*; 9. *Veículos*; 10. *Semovente, desdobrado em 10.1 - Para o Semovente que tenha Pedigree, no qual consta os subcampos Espécie, Raça, Data Nasc., Sexo, Nº de Registro, e 10.2 - Para o Semovente que não tenha Pedigree, no qual consta os subcampos Espécie, Raça, Idade Presumível e Sexo*; 11. *Bens Oriundos de Convênio, no qual consta os subcampos Conveniente, Data da Assinatura, Término do Convênio e Incorporação*; 12. *Manutenção e Pedidos de Reparo (PR) Atendidos, no qual consta os subcampos Nº do PR, Data, Natureza do Serviço e Valor (Cr\$)*; 13. *Observações*; 14. *Carimbos, Vistos e Data*.

Nesse caso, não há número de inventário próprio do museu, e sim um número de registro dado pela Universidade. As Fichas de Bens Móveis identificadas na documentação do museu datam de 1984/85, e apresentam número sequencial de registro, que, no entanto, não estão marcados nos objetos. As únicas fichas pertencentes a esse sistema documental encontradas no MAE/UFBA se referem a objetos da coleção Pankararé entregues por Cláudio Luiz Pereira, então vice-diretor do museu. As informações estão datilografadas, e há campos sem preenchimento. Não há assinatura do responsável.

O Sistema Documental 2 é composto por fichas na cor branca em formato ofício, paisagem, com informações na frente e no verso, denominadas *Ficha de Identificação*. Nas fichas constam os seguintes campos numerados: 1. *Coleção*; 2. *Artefato*; 3. *Tipo*; 4. *Material*; 5. *Téc. De Manufatura*; 6. *Origem e/ou Sítio Arqueológico*; 7. *Téc. Decorativa*; 8. *Grupo Cultural ou Étnico*; 9. *Função Específica*; 10. *Procedência*; 11. *Est. de Conservação*; 12. *Modo de Aquisição*; 13. *Dimensões*; 14. *Localização*.

Para além dos campos numerados, há um cabeçalho no qual constam os itens, não numerados, *Nº Inventário, Nº Ficha e Nº Cat. Arq.*⁴, e um *corpus* de outros campos, também não numerados, que iniciam no rodapé da página e seguem até o final do verso da ficha, nomeadamente: *Observações; Nº Foto; Nº Negativo; Fotografia; Laboratório; Descrição; Histórico; Bibliografia; Elaborado em; Técnico; Responsável.*

A numeração das peças, neste sistema documental, é tripartida. A primeira parte, composta por três algarismo arábicos, corresponde ao ano de registro do objeto; a segunda parte, composta por um algarismo romano, corresponde à coleção; a terceira parte, também em algarismo arábico, corresponde ao número de registro do objeto.

Nas Fichas de Identificação desse sistema, as informações estão manuscritas – aparentemente há duas caligrafias diferentes –, e há campos sem preenchimento. Não há assinatura do responsável, nem data de preenchimento. Em depoimento dado durante a referida oficina, Barcelos Neto reconheceu sua grafia nas fichas desse sistema e contou que participou do trabalho de preenchimento das mesmas entre maio e dezembro de 1993, enquanto estagiário do MAE/UFBA, com um ajudante (responsável pela biblioteca do museu). Ainda segundo o pesquisador, as fichas foram preenchidas a partir das fichas de campo de Pedro Agostinho⁵, caracterizando-as, assim, como uma documentação secundária.

Em relação às fichas do sistema anterior, verificou-se o aparecimento de campos relevantes à documentação de coleções arqueológicas e etnográficas: *Origem/Sítio arqueológico, Grupo Cultural/Étnico e Aldeia* (que desaparecem nas fichas dos sistemas documentais seguintes). No campo *Referência Bibliográfica*, há menção ao Dicionário do Artesanato Indígena, de Berta Ribeiro, publicado em 1988.

Fazem parte também do Sistema Documental 2 um conjunto de documentos denominados Fichas de Estado de Conservação, que datam de 1995. No anverso destas fichas constam os seguintes campos: *Nome/título; Nº de Identificação; Origem; Material/Técnica Confecção; Localização; Elementos Relacionados; Medidas*, com os subcampos *Altura, Largura, Espessura, Peso, Diâmetro e Profundidade; Descrição; Foto; Obs.; Forma de Degradação*, com os subcampos *Tipo, Localização e Causa/Agente; Condições Ambientais*, com os subcampos *AT, UR e LU; Segurança*, com os subcampos *P. Incêndio e P. Roubo*. No verso, constam os campos: *Forma de*

⁴ Catálogo Arqueológico.

⁵ Segundo Aristóteles Barcelos Neto, as Fichas de Bens Móveis do Sistema Documental 1 eram utilizadas também como fichas de campo, e que este mesmo modelo foi utilizado por Pedro Agostinho para registrar sua coleção. Até o momento, porém, essas fichas não foram encontradas na instituição.

degradação, com os subcampos *Sujidade, Mancha, Abrasão, Erosão, Craqueladura, Fissura, Fratura, Fragmentação, Deformação, Alteração de cor, Descostura, Deslocamento, Desintegração e Partes faltantes; Tipo; Localização, Causa/agente; Condições ambientais*, com os subcampos *AT, UR, LU, Realizado e Data; Segurança*, com os subcampos *P. Incêndio, P. Roubo, Revisado e Data; e Observação*.

O Sistema Documental 3 é composto de dois tipos de ficha de identificação do objeto. O primeiro tipo de ficha identificado é denominado Ficha de Identificação Acervo Etnológico, caracterizada por fichas na cor branca em formato A4, retrato, com informações na frente e no verso, denominada. Nas fichas, cujo preenchimento foi manuscrito, constam os seguintes campos numerados: 1. *Nº de Registro*; 2. *Coleção*; 3. *Nome do Objeto*; 4. *Outros Números*; 5. *Origem*; 6. *Material*; 7. *Técnica de Elaboração*; 8. *Técnica Decorativa*; 9. *Dimensões/Altura*; 10. *Largura/Peso*; 11. *Comp./Diâmetro*; 10. *Função Primária*; 11. *Modo de Aquisição*; 12. *Dados Históricos*⁶.

Não há campos no verso da ficha, mas há inserção de informações sobre o objeto, com indicação da referência bibliográfica utilizada – novamente o Dicionário de Artesanato Indígena. Nestas fichas, os verbetes genéricos desse dicionário para cada categoria de objeto indígena se tornam a descrição da peça. No verso da ficha, constam nome, data (1998) e rubrica do responsável pelo preenchimento. Há espaço para inserção de fotografia, mas este campo encontra-se vazio.

No Sistema Documental 3, a numeração das peças passa a ser bipartida: a primeira parte é constituída de algarismo romanos, indicando a coleção; a segunda parte, de algarismos arábicos, indicando o número de registro do objeto. No campo denominado *Outros Números* é possível verificar a numeração antiga da peça, mas já foram verificadas lacunas no preenchimento desta informação.

Em relação às fichas do sistema anterior, alguns campos se repetem, porém como mudança de nomenclatura. O campo *Técnicas de Manufatura*, por exemplo, se torna *Técnicas de Elaboração*. Da mesma maneira, são eliminados os campos *Localização* e *Conservação*.

O segundo tipo de ficha do Sistema Documental 3 é denominada Ficha do Acervo Etnológico, caracterizadas por fichas na cor branca em formato A4, retrato, com informações na frente. Essa ficha é oriunda de uma base de dados⁷, cujos formulários foram impressos. Constam os seguintes campos: *Nº do Registro; Identificação Geral*, com os subcampos *Nome do Objeto* e

⁶ As três últimas numerações estão repetidas, sendo reproduzidas aqui da mesma maneira.

⁷ Produto do projeto para elaboração de banco de dados do Centro de Documentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, financiado pela Fundação Vitae entre os anos de 1998 e 2001.

Coleção; Referências Físicas, com os subcampos Origem, Município, UF, Material e Dimensões; Comprimento; Largura; Altura; Diâmetro; Peso; Referências Históricas, com os subcampos Modo Aquisição, Localização, Estado Conservação, Defeito, Dados Históricos e Função Primária; Dados Complementares, com os subcampos Descrição do Objeto, Referências Bibliográficas, Observações, Bibliografia, Texto para Etiquetas, Palavras-Chave; Elaboração, com os subcampos Técnico Responsável e Data.

O preenchimento dessas fichas data de 1998/1999, e sua impressão do ano de 2002. Não há numeração de ficha, porém há uma indicação de numeração de página devido à impressão via sistema de base de dados. Não há campo para identificação de etnia. A presença do campo *Defeito* causa estranhamento, por este não ser um termo técnico da Conservação. O campo *Técnico Responsável* está preenchido. Da mesma forma que na outra ficha do mesmo sistema, o campo *Descrição do Objeto* está preenchido com os verbetes genéricos do dicionário de Berta Ribeiro.

É possível inferir que as Fichas de Identificação Acervo Etnológico, o primeiro tipo identificado no Sistema Documental 3, possam ter servido como boneco para a elaboração das Fichas do Acervo Etnológico originadas pela base de dados, em função da existência de comentários relativos a modificações necessárias e ainda à proximidade das datas de preenchimento de ambas as séries.

A LINHA DO TEMPO DA COLEÇÃO PEDRO AGOSTINHO

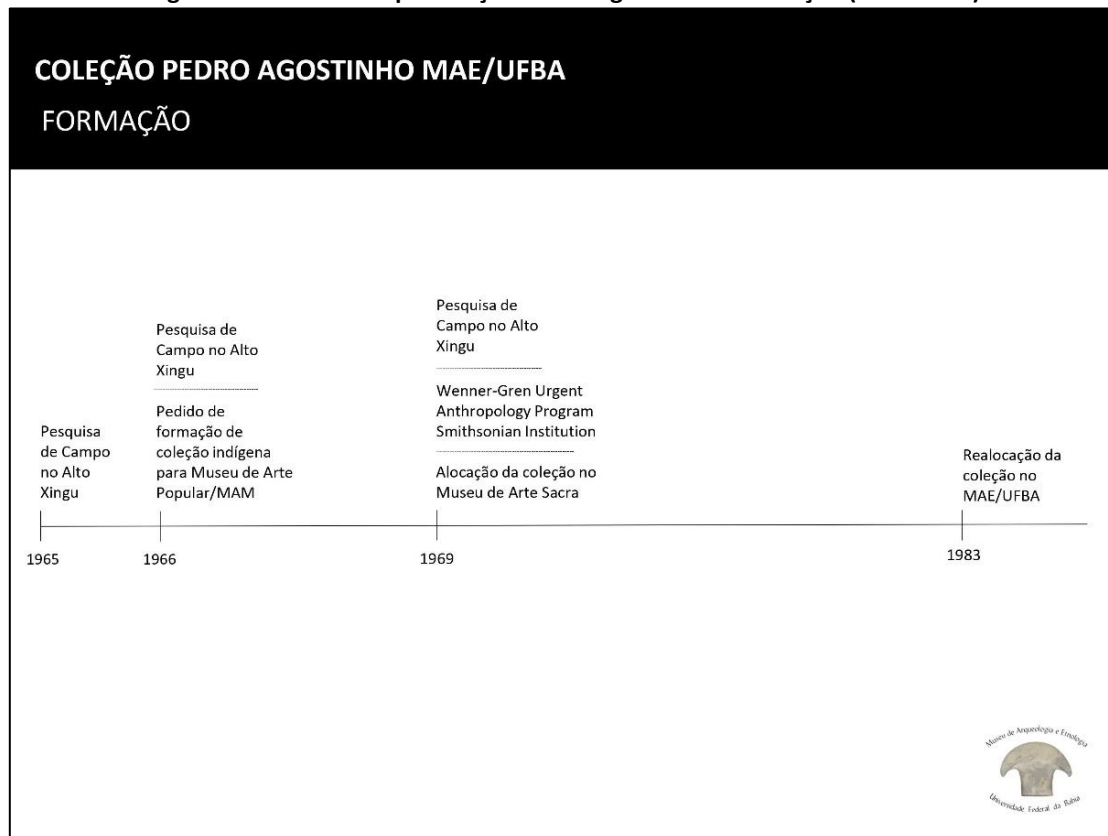
Ainda no contexto da Oficina de Cultura Material do Alto Xingu, foi sugerida a realização de um histórico de conservação da coleção Pedro Agostinho, a ser também apresentado ao grupo de pesquisadores Kamayurá quando da visita ao MAE/UFBA. Para tanto, a equipe de Conservação, acabou por realizar um histórico de formação e musealização da coleção, procedendo assim à tentativa de elaboração de uma biografia da mesma.

A coleta de dados se deu através de pesquisa bibliográfica na obra de Pedro Agostinho, pesquisa documental no arquivo do Programa de Pesquisas sobre Povos Indígenas do Nordeste Brasileiro (PINEB) e no Núcleo de Documentação e Referência do Museu (NDR/MAE/UFBA)⁸. Foram também realizadas entrevistas não estruturadas com os antropólogos Maria Hilda Baqueiro Paraíso, Maria Rosário de Carvalho e Aristóteles Barcelos Neto, profissionais que em determinado momento tiveram algum vínculo profissional com o Museu. Os dados coletados foram organizados

⁸ Além das autoras, a equipe de pesquisa foi composta pelos bolsistas Tatiane Santos Silva, Isabella D'Eça e Maycon Jhossys Costa de Souza.

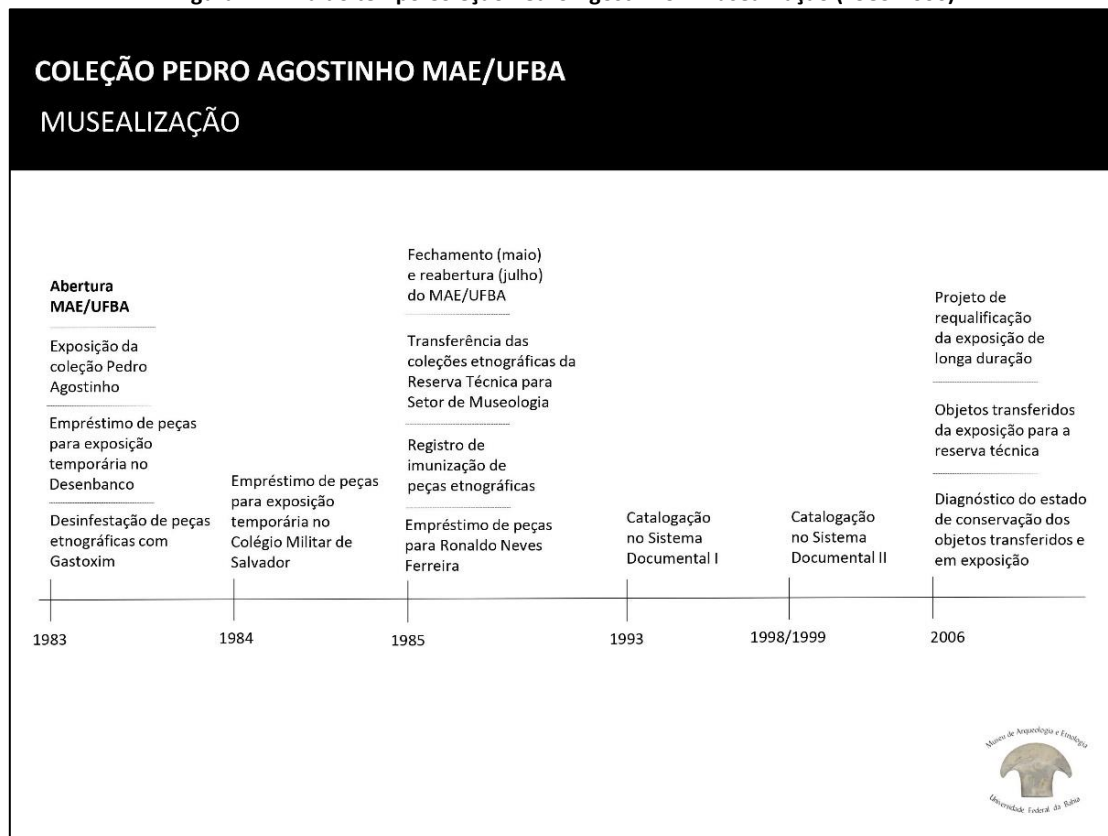
na forma de uma linha do tempo dividida entre o período de formação da coleção e o de sua musealização, conforme pode ser visualizado nas figuras 3 a 5.

Figura 3. Linha do tempo Coleção Pedro Agostinho – Formação (1965-1983)



Fonte: elaborado pelas autoras.

Figura 4. Linha do tempo Coleção Pedro Agostinho - Musealização (1983-2006)



Fonte: elaborado pelas autoras.

Figura 5. Linha do tempo Coleção Pedro Agostinho - Musealização (2014-2019)



Fonte: elaborado pelas autoras.

Através da linha do tempo, foi possível organizar e evidenciar de maneira ilustrativa os dados referentes à produção, movimentação e processamento da coleção Pedro Agostinho, demonstrando o potencial da elaboração de biografia das coleções não somente para a identificação dos processos relativos aos objetos, mas também para a compreensão de sua influência no estado atual de conservação dos mesmos (VASCONCELOS; SANTANA, 2021, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência aqui relatada se configurou como uma oportunidade de formação para a equipe do MAE/UFBA e de qualificação das coleções etnográficas, em especial a coleção Pedro Agostinho. No âmbito da oficina “Cultura Material do Alto Xingu”, foram indicadas ações necessárias à salvaguarda das coleções, instrumentalizando e atualizando a equipe do museu não somente para a visita dos pesquisadores Kamayurá, mas, também, para o trabalho com a documentação da instituição.

Através do diagnóstico realizado na Oficina, a equipe do Museu pode identificar e analisar os diferentes sistemas documentais implementados ao longo da história da instituição para o processamento técnico das coleções etnográficas, ação que resultou na elaboração do “Guia para a Documentação das Coleções Etnográficas do MAE/UFBA”, cujo objetivo foi sistematizar as informações coletadas e, assim, criar um documento de consulta e referência para a compreensão de parte da documentação museológica da instituição. O guia poderá servir, ainda, de subsídio para a elaboração de política documental atualizada para a instituição.

A demanda pelo histórico de conservação dos objetos da coleção Pedro Agostinho, também evidenciada na referida Oficina, por sua vez, deu origem a um trabalho de pesquisa que levantou dados biográficos que não constavam na documentação museológica, e que devem vir a ser incorporados. O produto final, a Linha do Tempo da coleção, demonstrou ser uma ferramenta com potencialidade para o trabalho com os acervos, e que deve seguir sendo alimentada.

As informações e os referidos produtos, por fim, foram apresentados aos pesquisadores Kamayurá na ocasião da visita, bem como enviadas em formato digital para o projeto Arquivo Kamayurá. Sobre o trabalho do MAE/UFBA para com sua coleção, em entrevista à TV UFBA (2019), Awakamu Kamayurá apontou: “eu me senti muito feliz em ter acesso a isso e saber que tem um lugar onde estão os materiais e o acervo nosso”. Marcello Kamayurá complementou: “a partir desse encontro com os objetos que eram confeccionados há décadas, a partir desse contato, nós vamos levar imagens para que a gente possa promover uma nova confecção, continuar fazendo”.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Duanne. **Uma jornada em busca de reconstruir a sabedoria dos Kamayurá**. Itaú Cultural - Rumos. [S. l.] 25 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/secoes/rumos/uma-jornada-em-busca-de-reconstruir-a-sabedoria-dos-kamayura>>. Acesso em 19 set. 2021.

TV UFBA. **Visita dos índios Kamayurá ao MAE**. Produção e Reportagem de Gisele Santana. Coordenação e Produção de Dan Hudson e Gisele Santana. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x50LleKEbXs>>. Acesso em 27 nov. 2021.

VASCONCELOS, M. L. C DE; SANTANA, C. R. Etnografia da ciência e acervos arqueológicos: o arquivo pessoal de Valentin Calderón e sua contribuição para a musealização das coleções no MAE/UFBA. **Hawò**, [S. l.], v. 2, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/hawo/article/view/68808>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

AGRADECIMENTOS

À Kanawayuri L. Marcello Kamayurá, Auakamu Kamayurá e Kaluyawa Kamayurá, Aristóteles Barcelos Neto e Luísa Valentini, pelos saberes compartilhados.